



O ENGANO DA VALORAÇÃO E MANUTENÇÃO DO PODER NA ALEMANHA NAZISTA

Moriah Bandeira Henequim Costa¹, Marcus Geandré Nakano Ramiro², Débora Morgana Cassiano³

¹Acadêmica do Curso de Direito, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. UniCesumar. mori.bandeira@outlook.com

²Orientador, Mestre e Doutor, Docente no Curso de Direito, UNICESUMAR. Pesquisador Bolsista na Modalidade Produtividade em Pesquisa para Doutor do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação – ICETI. marcus.geandré@gmail.com

³Coorientadora, Mestre, Pesquisadora integrante do Grupo de Pesquisa vinculado ao PPGCJ da UniCesumar. adv.morgana.cassiano@gmail.com

RESUMO

Em 2020 se comemoraram os 75 anos da Segunda Guerra Mundial, episódio que refletiu na sociedade contemporânea. O papel da Alemanha Nazista foi tão grandioso que, de maneira inédita, soube organizar e preparar, não somente as armas para a guerra, mas toda a mentalidade do povo, sendo posteriormente, o fator decisivo para a consecução dos objetivos iniciais. Sob esse cenário, percebe-se a necessidade de realizar um estudo histórico e teórico sobre a ascensão e a manutenção do poder na Alemanha pós Primeira Guerra Mundial (e conseqüente ascensão do Partido Nazista), com vistas a se compreender os mecanismos utilizados para com seu povo a fim de que os mais reprováveis pensamentos sobre a dignidade inerente aos seres humanos fossem apoiados e aceitos com naturalidade antes e durante a Segunda Guerra Mundial. Com a perda da Primeira Guerra Mundial e a assinatura do Tratado de Versalhes, houve graves conseqüências ao país, como a supressão de diversos territórios e o pagamento de indenizações altíssimas às Ligas das Nações. Este fator, em conjunto com a promulgação da Constituição de Weimar, que em seu artigo 48 possibilitava ao Presidente governar por decretos, influenciaram diretamente a ascensão de Hitler ao poder. A manutenção do poder na Alemanha Nazista se deu através das mais variadas técnicas de manipulação, nas artes, na imprensa, e nas festividades, recursos inovadores na época. Desse modo, pelo método qualitativo de pesquisa busca-se estudar como o movimento nazista transformou, aos alemães, a Segunda Guerra o final natural para o desenrolar da história.

PALAVRAS-CHAVE: Manipulação de massas; Segunda guerra mundial; Teoria tridimensional do direito.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a ONU, cerca de 40 milhões de civis e 20 milhões de soldados morreram durante a Segunda Guerra Mundial, uma guerra iniciada pelas conseqüências de outra e fermentada a tal modo que a população alemã estava convicta de que as atrocidades cometidas eram justificáveis e naturais, sendo suas convicções dignas de serem defendidas em uma guerra sangrenta.

Dessa forma, é justamente essa certeza que analisaremos ao longo do artigo. Como uma nação inteira se enganou a tal ponto de não distinguir o certo do errado, de se deixarem influenciar por um único homem e sua ideologia. Como este homem foi capaz de se estabelecer no poder, manter-se nele durante tanto tempo como figura central de toda a nação e deixar com que ele guiasse cada um de seus passos.



Para tal esclarecimento, a Teoria da Tridimensionalidade composta por Miguel Reale que discorre sobre a ligação entre fato, valor e norma. Essa teoria conceitua como o Direito funciona, ou seja, como cria-se, modifica-se ou extingue-se. As nuances e efeitos de tais conexões serão exploradas com mais cuidado posteriormente, mas no momento, a citação abaixo servirá como base para a síntese de nosso conhecimento:

“Onde quer que haja um fenômeno jurídico, há, sempre e necessariamente, um fato subjacente (fato econômico, geográfico, demográfico, de ordem técnica etc.); um valor, que confere determinada significação a esse fato, inclinando ou determinando a ação dos homens no sentido de atingir ou preservar certa finalidade ou objetivo; e, finalmente, uma regra ou norma, que representa a relação ou medida que integra um daqueles elementos ao outro, o fato ao valor” (REALE, 2002, p 59)

O valor é amplamente discutido por Almeida (2004, p. 45) que percebe “O ato de escolha do valor mais elevado, motivador da ação e da consumação da liberdade, é diretamente influenciado pela cultura que o circunda” Com isso podemos dizer que as decisões tomadas e ações realizadas que levaram à guerra têm ligação com toda a cultura alemã na época, que representavam como os alemães se sentiam, que os valores que eles carregavam na época estavam sendo influenciados para a tomada de decisões.

Diferentemente do que as aparências demonstram ao estabelecer o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austríaco, como causa principal da guerra. A unificação alemã tem uma relação direta com o início da Primeira Guerra Mundial, uma vez que solidificou a industrialização e levou a um desenvolvimento geral da nação. Como explicado pela autora Almeida (2008, p. 12)

“Dois problemas de fundo levaram a isso. De um lado, a expansão industrial alemã se debatia contra o rígido controle colonial do Terceiro Mundo exercido sobretudo pela Inglaterra e pela França. De outro, o problema das nacionalidades oprimidas, particularmente agudo na Polônia e na região dos Bálcãs, e que ameaçava derrubar as fronteiras de vários impérios históricos como o austro-húngaro e o russo. No centro da confrontação achavam-se, de um lado, a França e seu principal aliado, a Rússia dos czares, e de outro, a Alemanha e a Áustria-Hungria.”.

Por fim, para compreender melhor o dia a dia e a tomada de decisões de Hitler durante o período da Segunda Guerra Mundial, há a participação e retrato narrado de Albert Speer. Este homem, primeiramente como arquiteto pessoal, e depois, como Ministro do Armamento, acompanhou de perto o cotidiano de Hitler, suas preferências e suas crises.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa em questão pode ser caracterizada de acordo com os seguintes procedimentos metodológicos (GIL, 2010): do ponto de vista de sua natureza, pesquisa básica, ou seja, objetiva gerar conhecimentos aplicação prática prevista; do ponto de vista de sua abordagem do problema, qualitativa, ou seja, não requer o uso de técnicas e métodos estatísticos; do ponto de vista de seus objetivos, pesquisa explicativa; do ponto de vista dos procedimentos técnicos, pesquisa bibliográfica, uma vez que é elaborada a partir



- de material já publicado.
Foram seguidas as seguintes etapas:
- Revisão bibliográfica sobre a situação da Alemanha antes do período a ser analisado;
 - Revisão bibliográfica identificando o *modus operandi* para a tomada do poder e modificação de sua estrutura política;
 - Revisão bibliográfica identificando o *modus operandi* para a manutenção do poder e consecução de seus objetivos;
 - Discussões e catalogação dos dados recolhidos até então;
 - Análise crítica sobre a pesquisa recolhida e redação do artigo pertinente.

3 TEORIA TRIDIMENSIONAL E O ENGANO DA VALORAÇÃO

Nas primeiras aulas de Direito apende-se que uma das concepções desta ciência vem da proposta de Miguel Reale: a Teoria Tridimensional. Esta é composta por fato, valor e norma, e pela dialética entre esses elementos concebe-se o Direito como conhecemos. Para Reale (2002, p. 59), os significados da palavra Direito variam de acordo com o período histórico em que esta era usada, e desta forma é possível que existam diversos conceitos para o mesmo termo. Mesmo com diferentes concepções, a estruturação do Direito está sujeita a três pilares, que são o normativo, o fático, e o axiológico.

Um exemplo prático dessa teoria poderia ser um fato cotidiano como o nascimento de uma criança. Deste fenômeno é criado um diálogo com os valores de uma criança na sociedade, qual é sua importância, suas respectivas necessidades, desembocando em uma série de normas jurídicas de proteção infantil como o Estatuto da Criança e do Adolescente. Por certo, estas normas influenciarão o modo como os casais decidirão em ter filhos, se conseguiriam suprir todas as normas e direitos que a nova vida exigiria. Desta forma completando o ciclo e demonstrando a intervenção mútua.

Em lugares de Common Law, a teoria tridimensional é bem clara, uma vez que sua estrutura está ligada a cultura nacional, não sendo difícil de identificar pelos costumes locais e a história da sociedade o porquê de algumas leis funcionarem de jeitos tão diferentes, mesmo assim consolidados pelo fato, pela norma e pelo valor. Por exemplo, a Inglaterra seguindo os ditames da Revolução Gloriosa, mostrou seu prestígio e confiança na Monarquia e no Parlamento, por outro lado, os Estados Unidos que lutou contra um monarca pela sua independência encontrou na lei escrita o poder sólido que eles precisavam.

Segundo Reale (apud ALMEIDA, 2004, p. 44), para a conclusão de um processo decisório, o papel do valor do bem é imprescindível. Para compreender melhor a ideia de valor, o filósofo faz uma comparação econômica, em que o valor de um bem se dá no desejo de obter esse bem para si, quanto maior o desejo, maior o valor monetário do bem. Contudo, o valor não pode ser quantificado, já que não se trata de algo concreto, mas sim, abstrato. Neste momento, Reale (apud ALMEIDA, 2004, p. 44) explica “há o plano do ser e do dever-ser; no plano do ser existem os objetos naturais (físicos e psíquicos) e os objetos



ideais”, os valores tratam do campo do dever-ser. Já a cultura e os objetos culturais, são a correlação entre dever-ser e ser. Em suma, todo o valor é um dever ser, com exceção do valor origem de todos que é o próprio ser humano.

Almeida (2004, p. 52) ainda faz refletir se assim como sua ausência ou falta, o excesso de um valor poderia transformar-se em um desvalor. Ao constar que “Uma liberdade sem limites é inconcebível no espírito da Declaração”.

3 A ALEMANHA NAZISTA E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A unificação alemã além de ser resultado de um ideal nacionalista muito almejado para os povos germânicos, também possuía um teor econômico deveras atrativo. Após as guerras franco-prussianas, essa reunião germânica era a esperança de um grande desenvolvimento econômico, visto que a Prússia estava muito industrializada, e o Império Austríaco possuía recursos naturais, amplos territórios e mão de obra.

Em contrapartida na visão de Richard, a unificação alemã foi algo que apesar de muito esperado por esses países, acabou unindo povos que sofreram influências diferentes ao longo dos anos. Sendo assim, além da vontade econômica e certo ideal cultural, precisou de um pouco mais para se ver a Alemanha como uma nação com diferentes culturas “A multidão de cortes e principados engendrara particularismos locais muito acentuados. Disso resultava um mosaico de regiões e de províncias com maneiras de viver, hábitos, dialetos quase tão variados quanto as paisagens geográficas existentes” (RICHARD, 1988, p. 61). Nesse caso, o Império serviu de objeto principal de unificação, todos tinham uma coisa em comum. No entanto, após a Primeira Guerra, esse foi um novo, e ousa-se dizer, mais forte tipo de símbolo para a unificação alemã, o povo sofreu unido, lutou unido, perdeu unido, e isso seria algo que ninguém poderia mudar para esses germânicos, sua história e identificação. Para ilustração do eminente poderio industrial que a Alemanha estruturou, vale o destaque de que diferentemente da Inglaterra e França que retinham colônias que impulsionavam seu desenvolvimento, a Alemanha não possuía nenhuma.

Sendo assim, o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do Império Austro-Húngaro, em 28 de julho de 1914, foi apenas um estímulo final para o desencadear da guerra.

“Dois problemas de fundo levaram a isso. De um lado, a expansão industrial alemã se debatia contra o rígido controle colonial do Terceiro Mundo exercido sobretudo pela Inglaterra e pela França. De outro, o problema das nacionalidades oprimidas, particularmente agudo na Polônia e na região dos Bálcãs, e que ameaçava derrubar as fronteiras de vários impérios históricos como o austro-húngaro e o russo. No centro da confrontação achavam-se, de um lado, a França e seu principal aliado, a Rússia dos czares, e de outro, a Alemanha e a Áustria-Hungria.” (ALMEIDA, 2008, p. 12)

Conforme Richard (1988, p. 18-31), a Primeira Guerra Mundial era muito almejada, na Alemanha, eram poucos e quase insignificantes os contrários à guerra. O povo, os partidos, nas artes, nas ciências, o proletariado, a burguesia, os intelectuais, todos eram a favor da guerra e seu espírito nacionalista. Até mesmo os judeus viam na guerra uma



ocasião para provarem sua dependência alemã, uma vez que o combate antisemita era fortalecido por partidos, por bases “científicas”, e pelas figuras públicas como Bismark. Quando enfim deu-se o fim da guerra, aqueles que haviam apostado de seu próprio bolso para a vitória na guerra se sentiram derrotados, mas a gritante maioria que sofria na fome e miséria podiam sentir um ímpeto de esperança.

Em 11 de novembro de 1918, assinado pelo deputado pacifista, Matthias Erzberger, o Tratado de Versalhes foi firmado e o fim da guerra proclamado. Matthias Erzberger logo seria conhecido como o “Traidor do povo”, acabou sendo assassinado pela oposição três anos depois. As consequências desse acordo logo foram sentidas na pele e no ego de milhares de alemães, uma dor que não esqueceriam, nem se livrariam tão cedo.

De acordo com Almeida (2008, p. 13-19), a assinatura do Tratado de Versalhes, além de extremamente humilhante e arrasador para a Alemanha, se tornou também uma vingança pessoal da França. De forma direta deixou o país desmilitarizado, reduziu territórios, proibiu a unificação entre Alemanha e Áustria, estabeleceu altas quantias e recursos naturais para serem dados aos países vencedores, entre outros. Sendo assim, começou a crescer uma união entre a Alemanha e a União Soviética, que havia acabado de passar por sua Revolução, em que se firmou um acordo que a União Soviética renunciava à tecnologia que poderia exigir pelo Tratado de Versalhes e passou a receber armamento da Alemanha. E ainda, a simpatia entre esses países só cresceu com o tempo, em que um passou a admirar o outro e suas conquistas.

De acordo com o livro de Lionel Richard (1988, p. 60-75), com tantos problemas e acontecimentos, a Alemanha enfrentava um verdadeiro caos naquela época com a miséria, a fome, as doenças, as greves, as revoluções e o sentimento de derrota, os alemães demoraram a se atentar ao problema que o Tratado de Versalhes havia criado com seu território. Dessa maneira, o que reacendeu esse fogo foi justamente a propaganda nacionalista, de união, de pátria. Então o principal alvo da Alemanha acabou sendo o Leste, as fronteiras com a Polônia. Dentre as razões estavam o intolerável racismo, já que os eslavos se sentiam superiores aos eslavos, a agricultura cerca de 15% dela e dos recursos naturais das indústrias viam daquela região que antes lhes pertenciam, e ainda, o conturbado corredor Polônês, que para ligar este país ao mar, isolava Berlim. Com tantos germânicos se mudando para espaço urbano para melhores condições de vida, logo a industrialização aumentou muito, chegando a 39% da origem da renda dos alemães já em 1885, e ultrapassando os 50% algumas poucas décadas mais tarde. Sendo assim, a modernização chegou, instalando vias férreas, e diminuindo as taxas de mortalidade e natalidade. Contudo, ainda havia muitas pessoas, o que tornou impossível os governos fornecerem abastecimento adequado em épocas de crise.

Uma breve e alta melhora ocorreu entre 1925 e 1929 com os investimentos americanos e o governo de Stresemann. Após anos de isolamento, os Estados Unidos despertaram o interesse de investir seu acúmulo de capitais, e a Alemanha pelo grande potencial produtivo e a falta de recursos financeiros se tornou o alvo americano. Entretanto, ainda era necessário resolver a repartição que ocorria na região, que com os empréstimos encontrou sua solução, rapidamente a economia alemã se estabilizou e os índices de desemprego reduziram significativamente. Externamente, a luta territorial com a França



finalmente encontrou sua paz com o Tratado de Locarno, que com o apoio dos ingleses e americanos, fez com que Alemanha e França aceitassem parar de atacar por território. “Entre 1925 e 1929, o consumo de carne aumentou em cada lar. Todavia, a comparação com a França e a Grã-Bretanha, mesmo nessa época, era desfavorável à Alemanha” (RICHARD, 1988, p. 206)

Enquanto Paris ocupava o lugar de capital mais ativa culturalmente da Europa ocidental, Berlim tinha essa mesma nomeação para a Europa oriental e os países nórdicos. Era um turbilhão de momentos, movimentos e tumultos incessantes por toda Berlim, os escritores, pintores, compositores, cantores eram encontrados nos restaurantes comumente nas noites, a cidade era considerada uma vanguarda artística. “De cinco horas da tarde a uma hora da madrugada, a nata da sociedade intelectual e seus boêmios se encontram, se observam, discutem” (RICHARD; 1988. p. 240).

Infelizmente com a quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929 essa situação não durou muito e os alemães logo se encontraram na mesma situação de alguns anos antes. (ALMEIDA, 2008, p. 47)

“A crise, que teve efeitos mundiais fulminantes, golpeou a Alemanha de forma especial devido à sua estrutura econômica, dependendo inteiramente de empréstimos e voltada para as exportações. Diante da nova conjuntura os capitais americanos se retiraram e os empréstimos foram renovados a um prazo muito curto. Além disso, os mercados estrangeiros fecharam-se para a importação de produtos alemães. À queda das exportações somou-se a dificuldade para a importação de matérias-primas, o que levou imediatamente a despedimentos em massa, e mesmo à bancarrota de certas indústrias” (ALMEIDA, 2008, p. 98 – 99)

Assim como ocorria em todo o mundo, as massas passaram a ter uma voz mais ativa na vida social e política. O Partido Social-Democrata e o Partido Comunista, logo encontraram nos nazistas um partido inimigo em comum, e chegando ao acordo de que qualquer um dos dois era preferível ao Partido Nacional-Socialista. Por tanto, uniram forças, os adeptos comunistas possuíam maior fibra e resiliência que os sociais-democratas, que por sua vez eram mais numerosos. Ser do Partido Comunista em si, já era um ato de coragem, uma vez que se tornavam alvo de represálias, as mulheres poucas vezes eram ouvidas e levadas em consideração, e não tinham como os outros partidos, industriais ou burgueses interessados em financiá-los, por tanto o fundo do partido saía inteiramente do bolso de seus eleitores. “Qual era, na vida pública, a influência do Partido Social-Democrata? Sem dúvidas, alguns milhares só tinham se filiado a ele por oportunismo, a fim de preservar o seu lugar em organismos ou municipalidades de cuja gestão ele se havia apoderado” (RICHARD; 1988, p. 133 – 140)

Com a República de Weimar a educação entrou para a pauta de discussão, e a maioria optou por reestruturar totalmente ela. A Constituição estabeleceu que a personalidade e a subjetividade de cada estudante deveriam ser levadas em consideração e explorada para sua maior potencialidade. De maneira que, muitas técnicas e modelos de educação foram incorporados em diversas escolas, alguns retomaram modelos socráticos, enquanto outras escolas priorizaram a camaradagem e o senso de comunidade. A religião logo começa a tomar as rédeas da educação.



“Pela lei de 28 de abril de 1920, todos os meninos de seis anos e todas as meninas de sete eram obrigados a frequentar regularmente a escola. Era, de início, a escola elementar, não mista e, com mais frequência, religiosa. Nela os alunos pertenciam durante quatro anos. Depois, alguns raros dentre eles passavam a um estabelecimento secundário, e outros continuavam, de acordo com os mesmos princípios, na escola até a idade de catorze anos. Com relação a estes últimos, o caminho mais comum era então o aprendizado de um ofício ou o trabalho numa herdade, em casa de um comerciante ou uma fábrica” (RICHARD, 1988, p. 171)

Richard (1988, p. 181-185) ainda esclarece que foi no meio estudantil que a maioria dos adeptos do corpo voluntário foram recrutados. O ensino estava dividido quanto a cursos e universidades que refletiam certas visões políticas, tendo alguns mais afinidade com a direita ou com a esquerda, contudo, de maneira geral, era um ambiente conservador. Os professores de origem judia eram desrespeitados, e em alguns casos, chegaram a ser agredidos. Não foi difícil para Hitler achar seu apoio nas universidades, porque estas queriam garantir sua força dentro do caos que ocorria em sua volta.

A Constituição de Weimar em seu artigo 155 estabelecia que todo alemão pudesse disponibilizar de uma habitação saudável. Assim sendo, muitos alojamentos foram construídos, e os arquitetos por eles responsáveis visavam ajudar o desenvolvimento da sociedade alemã, concentrando suas atenções para a função social desempenhada por esses locais. Com projetos de urbanismos ligados a esses alojamentos, colocaram jardins, praças para habitação coletiva, e lojas destinadas a itens de necessidade para não tornar o bairro totalmente independente da cidade. “Infelizmente, a crise econômica interrompeu os esforços feitos. Muitos dos que tinham tido a sorte de se mudar precisaram abandonar seus novos apartamentos para retomar os velhos imóveis, onde pagavam um aluguel menos elevado” (RICHARD, 1988, p. 201-204).

No documentário “O Triunfo da Vontade” (1935), inúmeras são as formas de enaltecer Hitler e seu governo, em diversas passagens o Führer é comparado ao próprio Jesus Cristo. Já de início temos a chegada dele em Nuremberg, em que dentre as nuvens ele desce dos céus. É prontamente imensamente aclamado pela multidão que o aguarda, eles ganham um brilho intenso em seus rostos, demonstrando que quem chega os está tirando da escuridão. Todo o aspecto do documentário leva o espectador a acreditar que Hitler era a esperança dos alemães.

“O totalitarismo introduziu um princípio inteiramente novo no terreno das coisas públicas que dispensa inteiramente o desejo humano de agir, e atende à desesperada necessidade de alguma intuição da lei do movimento, segundo a qual o terror funciona e da qual, portanto, dependem todos os destinos pessoais” (ARENDDT, 2012 p. 623)

A ostentação de poder também não é esquecida no documentário de Riefenstahl (1935), sempre mostrando muitas bandeiras, fartura em comida, e apoio da indústria com a Mercedes Benz que foi projetada especialmente para Hitler. Sempre com multidões entusiasmadas e emocionadas.

“Essa ausência de autoridade hierárquica no sistema totalitário é demonstrada pelo fato de que, entre o supremo poder (o *Führer*) e os governos, não existem níveis intermediários definidos(...) o desejo do *Führer* pode encarnar-se em qualquer parte e a qualquer momento, sem que o próprio *Führer* esteja ligado a qualquer hierarquia, nem mesmo àquela que ele mesmo possa ter criado” (ARENDDT, 2012 p. 543)



Em algumas cenas de “O Triunfo da Vontade” (1935), podemos ver claramente a comparação de Hitler com a Igreja e o salvador Jesus Cristo, como as reuniões noturnas que eram unicamente voltadas a Igreja, aos cultos e aos compromissos religiosos, sendo que os discursos de Hitler ministrados nessas horas tinham como razão a ideia de enaltecer Hitler de modo que ele fosse tão importante quanto a igreja, sendo assim similares. Outra cena que destaca esse ponto é quando um menino se esforça muito para conseguir ouvir e ver Hitler, fazendo uma analogia com Zaqueu na bíblia, que enquanto Jesus falava, ele subia uma alta árvore para conseguir ouvir o que Jesus falava, ou seja, esse seria outro tipo de comparação entre Hitler e Jesus. E ainda, quando os sinos da catedral tocam para o discurso de Hitler simboliza a “adoração” a Hitler, já que desempenhavam o papel de chamarem as pessoas para a Igreja.

Arendt (2012, p. 529-533) explica que a instabilidade permanente é uma característica essencial ao totalitarismo, uma vez que é por meio desta que se garante e solidifica-se no poder, com falsas promessas de estabilidade em meio ao caos. Além disso, outro ponto imprescindível para o totalitarismo é que nesses regimes os decretos não são públicos, porque não se distingue ética e lei, portanto os decretos não necessitam serem passados para a sociedade.

“O totalitarismo no poder usa a administração do Estado para o seu objetivo a longo prazo de conquista mundial e para dirigir as subsidiárias do movimento; instala a polícia secreta na posição de executante e guardião da experiência doméstica de transformar constantemente a ficção em realidade; e, finalmente, erige campos de concentração como laboratórios especiais para o teste do domínio total” (ARENDR, 2012 p. 531)

Algumas figuras centrais do alto escalão do governo nazista na década de 40 eram Bormann, Keitel, Lammers, Goebbels, Goering, e claro, Speer (1971, p. 9-10). Os três primeiros formavam por um tempo um triunvirato para auxiliar e decidir certas questões em nome de Hitler, cuidando cada um respectivamente, da política externa (tinha muito poder, uma vez que também filtrava os assuntos e informações que seriam levados a Hitler), de Wehrmacht, e da administração e política interna. Essa organização não durou muito já que ia contra a natureza de Hitler aceitar tais termos. Contudo, vale destacar que Bormann manteve sua posição de detentor da informação para Hitler, e logo foi nomeado secretário de Hitler.

O Ministro dos Armamentos Albert Speer, e Doenitz, que logo seria grande almirante e generalíssimo da Marinha de Guerra, chegaram a acordos sobre diversos problemas, no campo dos armamentos navais. Chegando a fazer grandes progressos, incluindo a construção de um novo e melhor tipo de submarino para a guerra.

“A luta entre mim e Bormann continuou indecisa até o fim da guerra. Hitler continha Bormann e não me deixava cair. Algumas vezes até me distinguiu com seus favores, para, logo depois, voltar-se duramente contra mim. Bormann não podia arrebatarme a indústria, na qual apoiavam os meus êxitos” (SPEER, 1971 p. 30)

Desde que houve um desentendimento entre Speer e Sauckel a respeito de um recrutamento para mão de obra, a relação de Hitler e Speer estava enfraquecida. E o que já ia mal apenas piorou quando Speer ficou doente, apesar de certa preocupação de Hitler com a saúde de Speer, não o reconhecia mais como digno de seu apoio. Apesar de ter



ocorrido um momento de compreensão entre eles, quando resolveram a pendência que Dorsch havia deixado, este tinha se mostrado ileal a Speer, contudo Hitler não deixou de querer indicá-lo para controle do setor de construção, algo que apenas funcionou porque Dorsch se submeteria ao ministro do armamento. Enfim, quando um artigo considerou Speer mais importante para Alemanha que o próprio Hitler, o relacionamento dos dois finalmente se empalideceu, sendo apenas uma imposição profissional.

“Essa cegueira voluntária contrabalança tudo quanto de positivo eu quis e pude fazer, durante o último período de guerra. Se forem comparadas com essa cegueira, minhas atividades nos últimos tempos de guerra perdem o valor e transformam-se em nada. Precisamente pelo fato de eu ter falhado, naquela ocasião, sinto-me hoje, inteira e pessoalmente, responsável pelo ocorrido em Auschwitz” (SPEER, 1971 p. 115)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este artigo, o principal objetivo foi buscar uma retrospectiva histórica e teórica para investigar o engano da valoração e preservação do poder da Alemanha nazista. Compreender como que foi possível uma ideologia tão totalitária, extremista e brutal tomar o poder e se manter nele ao longo de décadas, tendo até mesmo alguns seguidores até hoje. Como um regime teve autoridade e apoio suficiente para cometer crueldades de tamanha propensão que causaram massacres em diversos campos de concentração e em zonas de guerra. Então, 76 anos depois, imagens e dados daquela época marcaram nossa história e continuam sendo motivo de espanto e assombro.

Sendo assim, revisa-se os dados e livros já publicados, e chega-se à conclusão de que os alemães estavam se sentindo perdidos e derrotados, sem saber como agir e com remorso em relação ao ocorrido durante a Primeira Guerra Mundial. Este sentimento e as consequências da guerra, levaram a Alemanha uma série de crises sociais, econômicas e políticas. Neste estado em que se encontravam surgiu uma figura que prometia mudanças, salvação, e mais importante esperança, para um povo tão enfraquecido. Hitler utilizou do ego ferido, do caos instalado, do medo geral, para alcançar seu sonho de poder, e se manteve lá alterando toda a percepção dos alemães entre o certo e o errado.

O Führer garantiu que sua imagem de salvador, ele deu as pessoas o instinto de segui-lo, de confiar nele, e de renunciar a liberdades para fortalecê-lo. Ele modificou tudo que podia para que fosse mais adorado, estabeleceu formas de se comportar em sua presença, transformou as artes em meios de ampliar sua persuasão, determinou uma ideologia a ser seguida, e centralizou o poder nele para ter uma imagem cada vez mais forte e estável.

Outro ponto que vale destaque, são as implicações que o desvio da valoração durante a República de Weimar, permitiu que ocorresse. Após a Segunda Guerra Mundial,



e com o fim do Julgamento de Nuremberg, que internacionalmente proporcionou justiça aos povos. Ficou claro que era necessária uma legislação superior a tudo já experimentado, os países precisavam de regras inquebráveis, de princípios imutáveis para que fosse a todo custo evitado que a situação ocorrida se repetisse. A Declaração dos Direitos Humanos, ratificada em 10 de dezembro de 1948, não poderia deixar de ser mencionada nesse artigo, pois entre todo o ocorrido foi, junto com o avanço tecnológico, um dos poucos ganhos de uma guerra tão sangrenta. Infelizmente, uma legislação tão bela, tem uma concepção sombria. Isto é, para impedir, ou no mínimo dificultar, mais barbaridades, a Declaração dos Direitos Humanos tem como objetivo defender direitos e garantias individuais de todo e qualquer ser humano.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ângela Mendes de. **A República de Weimar e a ascensão do nazismo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008. ISBN 978-85-11-02058-8.

ALMEIDA, Guilherme Assis de. **Ética e direito: uma perspectiva integrada**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2004. 43

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NAÇÕES Unidas lembram os mortos da Segunda Guerra Mundial: Assuntos da ONU. Brasil: ONU News, 8 maio 2021. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/05/1750022>. Acesso em: 13 nov. 2021.

REALE, Miguel. **Lições preliminares de direito**. 27. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

REALE, Miguel. **Teoria tridimensional do direito**. 5. ed. rev. E aum. São Paulo: Saraiva, 2001.

RICHARD, Lionel. **A República de Weimar**. São Paulo: Companhia de Letras, 1988. ISBN 85-7164-009-2



SPEER, Albert. **Por dentro do III Reich: A Derrocada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.

TRIUNFO da Vontade. Direção de Leni Riefenstahl. Berlim, Alemanha. 1935. (106 min)